

UMA PASSAGEM NA VIDA DE EUCLIDES

Por MESQUITA NETO. (Vitória)

A vida agitada e quase sem tréguas de jornal tem-nos tornado involuntariamente ingrato para com simpatias e amizades que muito prezamos, entre estas, a do dr. Faris Antônio S. Michael, fundador e presidente do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Paraná, do qual há muito, com imensa honra para nós, nos fez sócio. Pesa-nos dizer que não temos correspondido à sua expectativa, porisso que nossa contribuição literária ao Centro, até o momento, orça por zero absoluto.

Recebendo, agora, o trabalho "O Cadete 308", do dr. Ciro Vieira da Cunha, um dos grandes sabedores da vida e da obra do maior dos escritores brasileiros, nosso pensamento correu logo para o dr. Faris Antônio S. Michael, o Centro Cultural Euclides da Cunha e seu órgão "Tapejara", no pressuposto de que ao ler o registro de "O Cadete 308", dirá: "até que afinal o Mesquita teve ocasião de fazer alguma coisa sobre Euclides da Cunha". (Grato ao dr. Ciro, por isso). O autor estuda o gesto do Cadete, quando da visita do Ministro da Guerra à Escola Militar e diz que "há, na vida de Euclides da Cunha, algumas passagens em torno das quais biógrafos, críticos e antologistas criaram confusão, atendendo mais a informes contestáveis que às linhas seguras e irretorquíveis documentos". Uma dessas passagens é o incidente de 1888, em cujas descrições ou referências nem as testemunhas oculares são acórces — "Tomás Coelho viu o estudante partir a baioneta, ao passo que Silveira Martins só o viu atirar fora as armas e retirar-se "falando nas suas convicções"... ("O Cadete 308").

Temos lido, de autores diversos, notas a respeito dessa passagem, mas nunca ligamos importância à confusão a respeito do objeto arrojado. Dr. Ciro Vieira da Cunha, porém, encarou a incoerência com o propósito de esclarecê-la. Reuniu depoimentos e tirou deles a conclusão de que trataremos daqui a pouco.

Temos presente o livro "Euclides da Cunha" (Coleção Estudos Brasileiros), de Silvio Rabelo, que assim expõe a questão: "...Na verdade, dispostos em coluna, marchavam os alunos, não sem contrariedade, em face do ministro e oficiais superiores. Desfilaram os primeiros pelotões em perfeita ordem. O terceiro ia já bem perto do ministro Tomás Coelho, quando um cadete se destacou da formação. Era Eu-

clides. Num assomo de rebeldia e supremo protesto, ele atirou o sabre ao chão, depois de tentar vergá-lo inútilmente no joelho. Há quem diga que o cadete teria nesta ocasião censurado os companheiros, de subserviência diante da autoridade da monarquia, combinados como estavam em não lhe apresentar armas. Pelo menos assim contara certa vez Euclides a seu Amigo Gastão da Cunha. Há, entretanto, uma outra versão: a de que ele teria apenas pronunciado um protesto contra o esbulho do seu direito à promoção de Alferes. O ato de Euclides foi dado como o de um doente dos nervos, baixando ele à enfermaria".

Voltemos ao "Cadete 308": "No momento em que, diante do Ministro da Guerra, Euclides apanhou o sabre (foi mesmo o sabre?) que fez ele em verdade? Quebrou-o? Dobrou-o? Amolgou-o? Ou foi da espada que se valeu o jovem? Da espada ou da espingarda? Ou do cinturão? É o que ainda hoje se discute, tal como no dia seguinte ao em que se deu o fato".

Sobre as armas usadas pelos cadetes em ocasiões como aquela, informa Gustavo Barroso ao escritor: "Em resposta à consulta com que me hourou sobre as armas que traziam quando em formatura, os cadetes da Praia Vermelha, em 1888, tenho a informar o seguinte: a sua formatura era em batalhão de infantaria com o armamento da época — espingarda Comblain de retro-carga e tiro simples, acompanhada de sabre-baioneta de lâmina longa, curva, feitiço yatagan, punho de latão em pequenos gomos e guarda em S incompleto, de aço fosco, com bainha de couro preto guarnecida de bocal e ponteira de metal amarelo".

Com essa informação e os depoimentos relacionados, o autor de "No tempo de Paula Ney" raciocina: a) "A arma que os rapazes portavam, naquela manhã de Novembro de 1888, era espingarda, com sabre-baioneta. Teria o futuro autor de Os Sertões usado a espingarda ou o sabre? Com seu físico raquítico, é de acreditar que dêste e não daquela se tivesse valido, pois não lhe podia ocorrer a possibilidade, nem mesmo remota, de quebrar uma espingarda nos joelhos"; b) "Confrontemos esses depoimentos. Nêles, afirma-se: a) que Euclides se valeu do sabre e não de espada ou da espingarda (Alfredo, Viriato, Felix, Adalgiso); b) que Euclides, não havendo conseguido quebrar a arma,

"atirou-a ao chão" (Afrânio, Viriato).

Do exposto, embora não se possa precisar se Euclides amolgou ou não a arma de que se valeu no episódio da Escola Militar, tem-se, contudo, de concluir: O Cadete 308 tentou quebrar o sabre, levando-o ao joelho, mas, como não teve forças para fazê-lo, arremessou-o para o lado em que se encontrava o Ministro Tomás Coelho e o Senador Silveira Martins. Não se valeu de uma espada, nem de espingarda. Não quebrou o sabre em dois pedaços, nem o fez em estilhaços... Questão de nada? Talvez. Mas vale recordar Vieira ao dizer que o escritor, "com mudar um ponto ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé e da fé pode fazer heresia". E muitos dos biógrafos de Euclides andam a mudar sabre em espada, em espingarda e até mesmo em cinturão..."

Ciro Vieira da Cunha não tem preguiça de pensar nem teme o trabalho em perseguição da verdade para esclarecimento do assunto por que se apaixona. Assim é que nos deu magnífico estudo sobre tempo de Paula Ney e agora chega quase ao real no incidente da Escola Militar. Parece-nos ver Euclides tentar partir o sabre e arremecá-lo para o lado do ministro.